
Conferências de abertura

Cabe-me a honra de iniciar esta conferência que no âmbito do IV Congresso de Cerâmica Medieval do Mediterrâneo Ocidental tem por tema "A Arqueologia Medieval Portuguesa" em geral, e a "Cerâmica Medieval Portuguesa" em particular.

Nesta minha intervenção vou referir-me muito brevemente aos começos da arqueologia medieval em Portugal e fazer algumas considerações, ao jeito de balanço, sobre o que foram os cem anos que decorreram entre a década de sessenta do século XIX e os anos sessenta do nosso século, desde o começo dos estudos sistemáticos de arqueologia em Portugal até aos primeiros estudos globais sobre áreas importantes da arqueologia medieval portuguesa.

Durante este período a arqueologia teve razoável desenvolvimento em Portugal no que respeita às épocas pré-histórica e clássica, já o mesmo se não podendo dizer da arqueologia medieval que aparece ao observador como o parente pobre das ciências arqueológicas. No entanto não são raros os estudos sobre a matéria, e sobretudo houve muitas intervenções de campo, a partir dos finais da década de 30 do nosso século principalmente, a maior parte das vezes com resultados francamente maus.

Se remontarmos aos primórdios dos estudos de arqueologia em Portugal são relativamente escassas as referências a monumentos medievais em obras de autores portugueses antes do século XIX. André de Resende, no século XVI nos seus escritos mal toca em matéria de âmbito medieval, o mesmo acontecendo aos membros da Real Academia de História que no século XVIII tratam de matéria arqueológica, ou ao famoso arqueólogo que foi bispo de Beja, Frei Manuel do Cenáculo, neste mesmo século.

Alguns viajantes estrangeiros descrevem nos seus livros de memórias monumentos medievais portugueses, como é o caso de James Murphy, na passagem do século XVIII para o XIX, utilizando já método arqueológico para descrever o Mosteiro da Batalha.

Porém o desenvolvimento sistemático da arqueologia portuguesa pode datar-se apenas da fundação do "Instituto" de Coimbra, em meados do século XIX e foi sobretudo com o nascimento da "Associação dos Architectos e Archeólogos Portugueses", em 1863, que Joaquim Possidónio da Silva e seus pares iniciaram o estudo, a um tempo técnico, arqueológico e artístico dos monumentos medievais. Contudo o seu exemplo não frutificou e os finais do século XIX viram sobretudo desenvolver-se a arqueologia pré-histórica e a arqueologia clássica. Foram principalmente os historiadores da arte que se dedicaram ao estudo dos monumentos medievais, certamente de um ponto de vista artístico mas entrando muitas vezes no domínio da arqueologia.

De resto a partir dos finais do século houve como que um entendimento tácito entre arqueólogos e historiadores da arte no sentido de uma divisão por períodos. Tudo o que fosse de época pré-histórica e clássica deveria ser tratado pela arqueologia e o que pertencesse a épocas posteriores caberia aos historiadores da arte. A arqueologia medieval saí mal servida desta divisão dos terrenos de estudo, quer por razões de abordagem metodológica, quer porque a história da arte veio a confinar-se ao domínio das "Belas Artes" esquecendo as "outras artes". Pelo meio ficava a época visigótica que ninguém sabia onde colocar, pelo meio ficavam

monumentos como os castelos, e objectos como estelas sepulcrais e pelourinhos que não entravam facilmente na categoria de monumentos e objectos de arte e que à falta de melhor foram tratados como materiais etnológicos.

Foi esta orientação que José Leite de Vasconcelos deu ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia que fundou, e que deveria ser, a seu ver, o "Museu do Povo Português". Tudo somado a Arqueologia não obtinha neste contexto o estatuto de ciência plenamente autónoma mas seria entendida como etnologia do passado. Apesar de tudo, esta perspectiva foi fecunda para o desenvolvimento da arqueologia da Idade Média portuguesa.

José Leite de Vasconcelos recolheu no Museu muitos materiais arqueológicos medievais nomeadamente de época visigótica e árabe e esse fundo de materiais medievais é ainda hoje o mais importante entre os que existem em museus portugueses relativos a esse período.

A mesma orientação deu este arqueólogo à revista "O Arqueólogo Português", em cujos números e durante mais de trinta anos José Leite e seus colaboradores, como Félix Alves Pereira, Luís Chaves, Santos Rocha, David Lopes e alguns outros publicaram estudos sobre temas de arqueologia medieval.

Estas matérias aparecem aí tratadas em artigos que têm por títulos "Arqueologia Artística", "Arte", "Epigrafia", "Etnologia", "Heraldica", e são muito frequentes as informações sobre castelos e torres, mosteiros e igrejas, necrópoles e sepulturas, estelas discóides, pelourinhos e mais raramente sobre cerâmica medieval.

Seria injusto não citar revistas de história e arqueologia que trataram destes temas como o "Instituto" e "Portugália", mas na generalidade as publicações de cariz arqueológico preocuparam-se sobretudo com a arqueologia pré-histórica e clássica.

Citei alguns nomes de arqueólogos medievais a propósito de colaboração na revista "O Arqueólogo Português" e quero juntar a eles o nome de Abel Viana que no Museu Regional de Beja recolheu abundante material de época visigótica e de época árabe e publicou alguns desses materiais, nomeadamente no "Arquivo de Beja" e em outras revistas e jornais.

Por outro lado, os museus regionais e locais que se organizaram um pouco por toda a parte neste período, reuniram de forma indiscriminada objectos arqueológicos e artísticos de várias épocas, entre os quais se contam materiais medievais. Estes fundos só presentemente começam a ser estudados.

Uma breve referência aos autores de monografias e trabalhos de história local que tratam muitas vezes as antiquilhas medievais numa perspectiva arqueológica. Saliento os nomes de Arthur Magalhães Basto e os seus artigos sobre o Porto no jornal *Primeiro de Janeiro*, Júlio de Castilho e Vieira da Silva no que respeita a Lisboa, ou Ataíde de Oliveira para algumas terras do Algarve.

Mas, é no domínio da história da arte que os temas de arqueologia medieval tiveram maior desenvolvimento durante a primeira metade do século XX. Não posso deixar de citar o nome e a obra de Virgílio Correia, historiador de arte e arqueólogo que trabalhou na região centro do país, e que pelos seus muitos e bons trabalhos aparece como figura cimeira e quasi emblemática da arqueologia medieval deste período. Mas há outros historiadores da arte como por exemplo Cocheril, Ribeiro de Vasconcelos, Mário Tavares Chicó, Arthur Nobre de Gusmão, que praticaram uma abordagem arqueológica dos materiais.

Este ciclo encerra-se com a figura e a obra de D. Fernando de Almeida, autor da "Arte Visigótica em Portugal", obra onde, de forma sistematizada, é estudado pela primeira vez um tema de arqueologia medieval. Certamente que o faz numa perspectiva cavaleira entre a arqueologia e a história da arte, mas o método empregue é quasi inteiramente arqueológico. Esta obra é, sem dúvida, a primeira grande síntese portuguesa de arqueologia da Idade Média.

O que foi feito, contudo, não justifica o muito que ficou por fazer, e sobretudo as enormes destruições praticadas durante este período no património arqueológico medieval português.

No que respeita ao património construído os atentados foram enormes e muitas vezes irreparáveis:

idades, igrejas, castelos, locais de habitação foram destruídos ou arbitrariamente transformados, perdendo-se quantas vezes irremediavelmente a informação histórica de que eram portadores.

Contudo, pior sucedeu no domínio dos materiais arqueológicos. Se exceptuarmos aqueles que caem no âmbito da história da arte e que foram geralmente preservados, no que respeita aos materiais ditos mais pobres a perda foi quase total.

É sabido que durante este período fez lei no domínio da História a ideologia nacionalista, aliás continuadora do romantismo histórico decimonónico. Esta ideologia privilegiava de certo modo as tradições medievais e por esta razão muitos monumentos são reconstruídos sobretudo nas décadas de trinta e quarenta deste século, utilizando contudo e infelizmente critérios quasi sempre errados. Tais reconstruções tiveram por agentes principais os arquitectos da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e foram feitas muitas vezes sem o concurso de historiadores e arqueólogos, servindo frequentemente propósitos de mera encenação histórico-nacionalista. E tal como alguém disse a propósito de Cossos, trata-se de uma “encenação cinematográfica onde nos passeamos no meio de hipóteses”. Reconstruções arbitrárias, ignorância e desprezo das formas medievais de construir, reconstrução mítica, não a reconstrução dos monumentos reais.

No que respeita aos edifícios religiosos podemos lamentar-nos de reconstruções falsamente arqueológicas, da destruição de muitos níveis de compreensão histórica de que os monumentos estavam carregados quantas vezes privilegiando arbitrariamente apenas determinados períodos em detrimento de outros.

No que respeita às fortificações militares, a destruição é mais grave. Tomou-se por modelo um determinado tipo de castelo e o país cobriu-se de “Castelos de Guimarães” de norte a sul, ignorando a História e destruindo as evidências arqueológicas. Esqueceram-se por exemplo as formas construtivas árabes que existiam em tantos monumentos militares do sul, e privilegiou-se ou inventou-se de raiz a construção medieval cristã. Ergueram-se troços de muralhas novas, torres, portas, destruindo sem critério válido o que restava do antigo.

Certamente que nem tudo foi mal feito nesta reconstrução teatral, e ela teve ao menos o mérito de chamar a atenção para os grandes monumentos medievais. Em pior situação ficaram os chamados “monumentos pobres” e os materiais arqueológicos de uma maneira geral. Por ignorância ou má fé as entidades públicas como que competiram com as privadas nas destruições de espaços construídos de norte a sul do país, enquanto a escavadora mecânica municipal ou particular esventrava sem contemplações os níveis arqueológicos medievais.

Mas há mais e mais grave ainda. É que se isto aconteceu com instituições que à partida não estavam sensibilizadas para os temas arqueológicos que dizer dos arqueólogos que sistematicamente ignoraram ou destruíram os estratos medievais, catando no terreno apenas os níveis que lhes interessavam directamente? É escandaloso que em sítios onde a ocupação humana foi continua desde, por exemplo, a época romana até finais da Idade Média não tenham sido estudados os estratos medievais que são dados como inexistentes. E contudo isto passou-se e continua a passar-se com algumas das principais estações arqueológicas do país.

Meus senhores, este congresso constitui a primeira grande realização científica em Portugal nos domínios da arqueologia da Idade Média. A terminar a minha intervenção faço votos para que a partir de agora a arqueologia medieval adquira entre nós e definitivamente o direito à cidadania no âmbito das ciências arqueológicas. Permitam-me que expresse a minha confiança nas novas gerações de arqueólogos que saberão, estou seguro, fazer muito mais e muito melhor do que a geração que os precedeu no que respeita aos estudos e investigações arqueológicas medievais.

José Luis de Matos

A ARQUEOLOGIA MEDIEVAL E A HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA NOS ÚLTIMOS ANOS

1. Durante muitas dezenas de anos, o ensino da História no nosso país foi canalizado para uma descolorida facticidade política, para um desfile de heróis e guerreiros que, por um lado, encobriram a tacanhês de um presente cinzento e, por outro, justificavam as intermináveis guerras coloniais africanas. O ensino universitário da História era gerido por meia dúzia de barões da política e da polícia que escondiam o mais enciclopédico analfabetismo atrás de paleográficas e poeirentas ciências auxiliares.

As profundas transformações que abalaram a sociedade portuguesa no 25 de Abril repercutiram naturalmente na Universidade, principalmente na Historiografia, onde o peso ideológico era, e é, mais evidente. Do mais obscuro medievalismo salta-se então para a história contemporânea, mergulha-se na festa do acontecimento, participa-se e intervem-se no acto histórico. É o período da descoberta do Eu e do Grupo como interventores, na rua, na sociedade e na História. Toda uma nova geração de investigadores começa a reconstruir a História com novos materiais e métodos vindos da Sociologia e Antropologia, fazendo frutificar, em alguns casos um labor subterrâneo e contínuo de acumulação erudita.

2. Os bonzos da nossa Historiografia, assim como vêem com maus olhos a época contemporânea, em que os veludos e brocados já ostentam inestéticas manchas de óleo, também não gostavam, e não gostam, dos mouros. Tal como hoje os vermelhos fazem o papel de inimigo nas manobras militares, foram sempre os sarracenos a suportar no costado o afiado gume dos feros defensores da cruz, da civilização e da Europa. Se excluirmos o importante arabista dos anos trinta que foi David Lopes, primeiro compilador e entusiasta investigador do Islão em Portugal, último representante do positivismo romântico, apenas e já nos nossos dias o tema foi retomado por Borges Coelho. Numa aproximação sempre corajosa aos buracos negros da História, num gesto constante de solidariedade com aqueles que foram o contraponto do nacionalismo desbotado do salazarismo, a civilização árabe em Portugal surge pela primeira vez nos anos setenta na sua dimensão social e civilizacional.

Por outro lado, e em sectores ligados a outros campos de investigação, como a Linguística, a Geografia e a Arquitectura, começam a levantar-se importantes hipóteses de trabalho para uma aproximação às culturas mediterrâneas. Nas primeiras análises dos espaços e morfologia da arquitectura popular, quero destacar a importante figura, e injustamente esquecida, do arquitecto Huertas Lobo. Em Geografia humana, impõem-se os estudos chaneira de Orlando Ribeiro, na compreensão e delimitação das grandes áreas geo-culturais, do território nacional. Nos últimos anos, investigadores em Dialectologia, em Antropologia Cultural, em História Local, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, do ISCTE e da Universidade Nova de Lisboa prepararam e acumularam dados que vão permitir a primeira grande síntese moderna na Historiografia

Medieval Portuguesa, onde o conceito de “nação” se esbate em fronteiras e contradições regionais e em que as civilizações mediterrâneas começam a tomar corpo ao lado dos façanhudos vimaranenses. Essa grande síntese deve-se ao historiador José Mattoso.

3. Por sua vez, a Arqueologia Medieval, como ciência autónoma, começa entre nós apenas há poucos anos, com José Luís de Matos. Primeiro, recolhendo as camadas que outros escavadores desdenhavam para chegar rápido ao almejado mosaico e, logo a seguir, organizando e dirigindo uma escavação sistemática em Vila Moura. É com o seu apoio que vão ser dados os primeiros passos nas outras duas estações medievais mais importantes do sul do país: Silves e Mértola.

Em Mértola, uma série de felizes coincidências permitiram desde o início gizar um projecto mais ambicioso que, a pouco e pouco, se tem vindo a tornar realidade.

O apoio incondicional e ininterrupto da autarquia, permitiu ligar a esse projecto uma importante equipa interdisciplinar de investigadores.

A partir de 1979 e em sucessivas campanhas anuais, vão surgindo na Alcáçova as provas evidentes de uma importante ocupação da época islâmica. Do entulho de um criptopórtico e da escavação em área que vai estendendo a toda a plataforma do antigo Forum tem vindo a ser exumado, no interior de habitações, um espólio arqueológico de todos os períodos islâmicos que é, neste momento, o mais importante conjunto de arte islâmica do nosso país e que, por si só, justificou a organização museográfica em curso de instalação em edifício próprio.

Num dos sectores da escavação na zona da encosta do castelo, onde se desenvolve um conjunto habitacional, constatámos há dois anos a existência de uma série de cadinhos para fundição de prata. Essa descoberta e o estudo que se lhe seguiu obrigaram-nos a reformular alguns conceitos que até agora eram aceites para a mineração desta zona, e a empreender a cartografagem da toponímia mineira. Esta investigação levou, inevitavelmente, a estudos de povoamento rural e urbano.

Por sua vez, as formas de povoamento em que os interesses sociológicos começam a ganhar forma, incentivaram outras equipas a aprofundar os aspectos antropológicos nas suas facetas cultural, física e paleopatológica. As três grandes necrópoles existentes - paleo-cristã, islâmica e baixo-medieval -, darão certamente alguma resposta às dúvidas hoje avassaladoras neste sector da investigação arqueológica.

Na decapagem da vila romana, a picareta salta na dura argamassa ou resvala nos mármoreos do pavimento. Se não fora o gesto do pincel, desvaneciam-se sem deixar traço as ténues paredes de taipa ou adobe, utilizadas de forma generalizada na época islâmica. O exame destas técnicas construtivas e a sua comparação com aquelas que até há pouco ainda se utilizavam, levou-nos a iniciar trabalhos de levantamento dos traçados urbanos actuais, com análise do interior da habitação e, por conseguinte, a iniciar um processo de arqueologia experimental, reactivando algumas técnicas tradicionais de construção. Este ano começou uma acção de reabilitação de duas habitações construídas em taipa, tendo sido recuperados todos os gestos da montagem do telhado, do fabrico da telha e do tijolo cozido em forno tradicional recuperado. O tijolo cozido foi utilizado para levantar uma antiga abóbada derruída.

Os sistemas decorativos em reticulado losangular de uma certa cerâmica aparentemente de tradição berbere, e a sua semelhança com o entrançado da tecelagem tradicional do Baixo Alentejo aguçaram a

curiosidade de outra equipa do Campo Arqueológico de Mértola que, além de ter aprofundado o tema e publicado os primeiros estudos, conseguiu reactivar esta antiga indústria caseira nos moldes tradicionais. Hoje, no concelho, cerca de 30 pessoas estão empenhadas no circuito de cardação, fição e tecelagem.

Outros jovens aprenderam novas técnicas ligadas a uma actividade científica que hoje já lhes é familiar. Eles compreendem o objecto na sua função, no seu valor social e estilístico, na sua forma e volume.

As mãos modelam outra vez os gestos do oleiro, restituindo ao objecto a forma e a dinâmica decorativa, recuperando-lhe a dimensão histórica. É o mundo fantástico da cerâmica, esse milagre das mãos e do fogo.

É isto o que se tem estado a fazer em Mértola. As peças cerâmicas que ireis ver não valem apenas como artefactos isolados: elas pertencem a um conjunto de documentos que subsistem de diversos modos: uns, enterrados sob camadas de poeira e detritos; outros, adormecidos em páginas de arquivo; outros, ainda vivos, na vida das pessoas e nas técnicas que usam; outros, e tantos ainda por decifrar, nas próprias palavras que dizem e no próprio nome da terra que habitam.

E assim entendemos a Arqueologia: ela é busca e achado e interpretação do documento histórico, onde quer que se encontre, para reconstituir a História. E não é slogan o dizer-se que conhecer a História pode ajudar a construir o futuro. Isso, em Mértola, já está a acontecer.

Cláudio Torres

Só a calorosa simpatia que na verdade tenho pelos organizadores deste congresso e a importância que atribuo à arqueologia para o conhecimento da Idade Média podem justificar a minha intervenção neste momento. É claro que o meu papel será apenas de os felicitar pela coragem com que se dispuseram a reunirem aqui em Lisboa uma tão grande quantidade de especialistas de ceramologia mediterrânica, e de me fazer porta-voz dos historiadores, para lhes dizer quanto esperamos do seu contributo autorizado e imprescindível para conhecermos importantes aspectos do passado medieval que jamais conseguiríamos esclarecer se ficassemos reduzidos aos testemunhos da escritura. Isto me faz correr o risco de dizer coisas porventura despropositadas aos vossos olhos e peço desde já que não levem a rigor.

De facto, a cerâmica é, porventura, o vestígio da vida material de outrora que mais de perto nos aproxima das condições reais da existência quotidiana. Na sua simplicidade aparente, retêm as marcas das técnicas mais elementares que garantem ao homem a subsistência, porque lhe permite usar o fogo para cozinhar os alimentos. Os cacos humildes sobre que se debruçam com tanta atenção os especialistas dos mais sofisticados métodos de investigação, serviram a pobres e ricos para transformar a comida. São testemunhos privilegiados da luta contra a fome e da longa cadeia de processos para, directa ou indirectamente, a vencer ou minorar, mas também, não raro, da criação artística mais arrojada e mais gratuita. No barro quebrado e disperso pelo tempo estão inscritas as técnicas que os homens inventaram para o fabricar e utilizar, mas também as formas pelas quais o ligavam ao Universo e os símbolos que nele imprimira para exprimirem as suas concepções do mundo ou as práticas com que tentavam tirar proveito de imaginadas ou reais forças cósmicas de que se julgavam dependentes. A cerâmica é, na verdade, a marca material da relação do homem com a terra e o fogo.

Nos potes e tachos ou caçarolas, nas bilhas e canecas ou grandes talhas, nos pratos ou malgas e alguidares, na cerâmica votiva ou nas faianças de luxo, no barro vermelho ou preto e no vidrado, da decoração gravada na pintura, na produção individual ou em série e no comércio a longa distância através, portanto, das modalidades infinitas de uma das mais antigas e pluriforme artes da humanidade, os ceramólogos encontram inúmeros pontos de apoio para mostrar que o homem em tudo deixa a marca do seu saber e da sua capacidade de transfiguração da matéria, mesmo quando parece pouco mais fazer do que responder ao mais elementar instinto de sobrevivência. Sobre tudo isto se debruçarão com infinita paciência e minúcia os especialistas mais exigentes do mundo, para fazerem falar estes vestígios mudos da passagem do homem sobre a terra. O encontro de uma grande quantidade de arqueólogos que expõem aqui o resultado de cuidadosas investigações sobre um material imenso, permitirá fazer comparações instrutivas entre a produção e as técnicas regionais, e lançar as bases para fixar tipologias a partir das quais se poderão dar passos decisivos no conhecimento da vida corrente do homem medieval. Não apenas dos membros da classe dominante, mas de todos os homens. A ceramologia medieval ilumina, portanto, directa ou indirectamente, dois tipos de questões que os documentos escritos raramente ou nunca esclarecem: as condições básicas de vida da população de massa e as técnicas da vida material.

Como historiador espero com ansiedade as vossas sínteses. Sei que elas não se poderão precipitar: a amplitude dos dados e a complexidade dos processos de investigação dificultam a obtenção rápida de resultados seguros. Espero, porém, que se aperfeiçoem quanto antes os métodos de avaliação global dos resultados e que se ensaiem, mesmo, sínteses provisórias ultrapassando assim a natural propensão para a análise e os processos descritivos que em investigações deste género são sempre difíceis de vencer.

Desejo-vos, pois, os melhores resultados nestes dias de trabalho. Estou certo deles.

José Mattoso